

## MARCAS DE EXPECTATIVA NAS NARRATIVAS CONVERSACIONAIS

Megan DUQUE ESTRADA (UFPA)

*Abstract: This work analyses how expectation influences the structure of language in narratives, and how it is expressed through linguistic forms. Based on TANNEN's study (1979) about frames we explain the use of the particles "não" and "mas", and the presence of assessments and repetitions of words and expressions in a conversational narrative as evidence of expectation.*

### Introdução

Ouvir e contar histórias são atividades que estão muito presentes em nosso cotidiano, iniciando na mais tenra idade e seguindo conosco ao longo da vida. Os assuntos mudarão, mas estruturas semelhantes serão solicitadas tanto na codificação e decodificação, quanto na recuperação de informação da memória dos indivíduos.

Neste estudo, que tem como objetivo principal observar o papel da expectativa na produção e compreensão de uma narrativa conversacional, tomaremos como texto de base o trabalho de TANNEN (1979).

TANNEN supervisionou uma experiência na Grécia, integrada a um projeto que coletou narrativas em dez países diferentes. Um filme foi mostrado a um grupo de mulheres que, depois de assisti-lo, deveriam contar a outras o que tinham visto. Ao descrever os eventos e pessoas do filme, as

participantes organizaram e alteraram o conteúdo do filme diferentemente, como resultado de suas estruturas de expectativa a respeito do que nele havia. Com base na hipótese de que essas estruturas são frequentemente determinadas culturalmente, TANNEN isolou dezesseis tipos gerais de evidência, que representam a imposição das expectativas dos falantes sobre o conteúdo do filme. Elas cobrem muitos fenômenos lingüísticos e representam uma maneira de caracterizar as estruturas de expectativa presentes nas narrativas.

As pessoas demonstram suas expectativas a respeito de como devem contar uma história de maneiras diversas. No trabalho de TANNEN foi possível identificar evidências quanto ao tipo de situação na qual os participantes se encontravam, ou seja, com respeito à experiência da qual tomavam parte. Ela também notou evidências de expectativas quanto à situação de entrevista e de conversação sobre filmes. Além dessas expectativas mais gerais sobre o contexto interativo, foi possível apontar elementos indicativos de expectativas sobre eventos, pessoas e objetos apresentados no filme. A partir da identificação dessas expectativas, foram destacados os tipos gerais de evidências lingüísticas, a saber: omissões, repetições, falsos começos, retrocessos, hedges, negações, adversativas, modais, declarações inexatas, generalizações, inferências, avaliações, interpretações, julgamentos morais, declarações incorretas e adições.

Uma verdade praticamente manifesta é que não podemos tratar novas pessoas, objetos ou eventos como únicos e isolados. É necessário ver as conexões que existem

entre eles, assim também como as ligações entre o presente e o que vivenciamos ou o que ouvimos no passado. “Esses laços vitais são aprendidos enquanto crescemos e vivemos numa determinada cultura e, tão logo meçamos uma nova percepção em relação ao que sabemos sobre o mundo, de acordo com experiências anteriores, estaremos tratando de expectativas” (TANNEN, op. cit. p.137).

A noção de expectativa é, para TANNEN, o fundamento de teorias que tratam de *frames*, *scripts* e *schemata*, termos utilizados por vários pesquisadores em disciplinas afins. Ela aponta como ponto comum destas teorias “o reconhecimento de que as pessoas não abordam o mundo como receptáculos ingênuos, lousas em branco, que recebem estímulos que existem de certa forma independente e objetiva, mas como veteranos de percepção, experientes e sofisticados, que armazenam suas experiências anteriores como uma massa organizada, e que vêem os eventos e objetos no mundo relacionados uns aos outros e em relação com sua experiência anterior.

Esta experiência anterior ou conhecimento organizado toma, então, a forma de expectativas a respeito do mundo, e na grande maioria dos casos, o mundo, por ser um lugar sistemático, confirma estas expectativas, poupando ao indivíduo o trabalho de decifrar as coisas de novo o tempo todo” (TANNEN op. cit. p. 144).

#### 1- O papel da expectativa nas narrativas conversacionais

Procuraremos identificar, no conteúdo superficial de uma narrativa conversacional, evidência de expectativas

ligadas à produção da linguagem, e analisar como esta é afetada pelas expectativas.

Transpondo algumas dessas observações para a Análise da Conversação e, especificamente, para o estudo de narrativas conversacionais, pudemos notar o quanto são recorrentes tais elementos; entretanto, gostaríamos também de salientar que essas produções lingüísticas não servem apenas à indicação de expectativas: são elas estratégias plurifuncionais que estruturam as conversações de modo característico, e servem, de maneira mais abrangente ou pontual, para o desenvolvimento dos tópicos interativamente.

Interessados em observar tais procedimentos lingüísticos mais de perto, selecionamos parte de uma conversação intitulada *Ronaldo*, do corpus da pesquisa *O Estilo Conversacional Na Fala Culta Urbana Paraense*, da Universidade Federal do Pará, que possui em seu bojo um tópico sobre teatro. Neste tópico, existe uma narrativa seqüencial composta de três sub-tópicos: o episódio do curso, o episódio do escritório, e o episódio do apartamento. É ela que servirá, aqui, ao nosso propósito.

Não analisaremos os dezesseis tipos de evidências lingüísticas apontados por TANNEN em seu artigo, limitando-nos àquelas que, para nós, são mais significativas e que puderam ser detectadas neste recorte dos nossos dados.

Um dos mais salientes aspectos de uma transcrição de conversação informal é a repetição, cuja recorrência não pode deixar de ser notada, e, por isso mesmo, tem sido objeto específico de vários estudos. A narrativa que

escolhemos para analisar não é exceção, pois temos um texto salpicado delas. Não são de um mesmo tipo, e nem sempre são produzidas pelo mesmo falante, mas, numa abordagem ampla, foram consideradas como tal.

A presença desses elementos em duplicata, e menos caracteristicamente em múltiplas ocorrências, não viola a fluidez do texto interativo, mas chama a atenção e, por este motivo, podemos reportar-nos a eles como expressões marcadas, em especial aquelas que estão separadas por um comentário, como no trecho seguinte:

LU: “Vamos fazer o seguinte: *segunda-feira eu faço pra ti*. Eu não faço pra ninguém. *Segunda-feira eu faço pra ti*”.

LU e FA são amigas. Lu é aluna de um curso de inglês de propriedade de FA. A ida de Lu ao teatro impede que ela faça os testes marcados para aquela noite. FA transfere a data. Em seguida, LU recebe um telefonema informando que seu marido (IA) trancou os funcionários em seu escritório. Lu tem que ir soltá-los antes de seguir para o teatro, e só não se atrasa porque o espetáculo não começa na hora marcada.

TANNEN analisa as repetições que ocorrem após comentários interpostos como evidência de destaque de uma determinada idéia ou frase chave, que se constitui num tipo de evidência de expectativa. Ela interpreta esse fato como relacionado ao fenômeno da *reportabilidade*, que é uma função direta de algo inesperado. Nessa conversa, LU não

espera pela reação de FA, que diz que passará os testes num outro dia, apenas para ela, coisa que não faz para outras pessoas, pois, de acordo com seu conhecimento de mundo, sua vivência, os alunos devem comparecer para fazer os testes de um determinado curso, na data estabelecida pelo professor, juntamente com seus colegas. O comportamento de FA está, pois, fora do esquema.

A repetição, neste caso, marca justamente o desvio, o fato inusitado; daí a necessidade de FA chamar a atenção de LU para esse aspecto da conversa e, fazendo isso, evidenciar lingüisticamente a existência de uma expectativa. Neste mesmo exemplo temos a expressão negativa

LU: “Eu faço pra ti. *Eu não faço pra ninguém.*”

que reforça a existência da expectativa, pois, de maneira geral, o *não* é utilizado quando se espera o contrário. Essa frase indica claramente que regras foram quebradas, que o que FA fará por LU é absolutamente fora dos padrões de comportamentos previsíveis. LU está sendo alvo de uma especial deferência por parte de FA, que pode assim proceder por ser a dona do curso de inglês onde LU estuda, além de ser sua amiga. Observe-se a seqüência:

MA: E já eram nove e seis [minutos.

LU: [é.

GI: E que horas começava a [peça?

MA: [n/ nove.

LU: *Aí, mas não começou às nove.*

## A negativa

LU: *Aí, mas não começou às nove.*

sinaliza, evidentemente, que o esperado e desejável é que, se a peça estava marcada para começar num determinado horário, assim deveria acontecer. Está implícito, portanto, o esquema do teatro, lingüisticamente colocado no texto através da inclusão da negativa.

No primeiro exemplo apresentado, observamos a co-ocorrência de dois elementos evidenciadores de expectativa, a repetição e a negação. No exemplo seguinte, também é possível observar uma co-ocorrência, só que desta vez temos a negação juntamente com uma partícula contrastiva. A oração é iniciada por um *mas* que, na seqüência narrativa, após um marcador de retomada, *aí*, marca a negação de uma expectativa, da mesma maneira que a utilização do *não*. Juntos na mesma ocorrência eles reforçam a idéia de que, em um outro nível de linguagem, existe um esquema, que influencia a forma que a fala apresenta.

Um outro aspecto interessante a ser observado nesta narrativa é a linguagem avaliatória, expressa tanto na forma de adjetivos quanto de advérbios, além de expressões que desempenhem essas funções. Note-se o seguinte extrato:

LU: Todo mundo PRESO dentro do escritório. +

MA: E então?

LU: O I A saiu. Aquela fi/ aquele senhor:

LU: que não é *desliga:do*, passou a chave.

LU: O BE saiu também depois do I A ...

LU: passou a chave,  
LU: e os outros *patetas* ficaram todos lá  
LU: den[tro PREsos.  
GI: [Ficaram presos, né?

LU qualifica IA, BE e os demais funcionários do escritório negativamente, chamando-os de desligados e patetas. Essa descrição depreciativa é necessária para compor o cenário, visto ser improvável que pessoas *normais* tranquem seus funcionários propositadamente no escritório, no final do expediente, e eles permitam tal situação. Mais uma vez, temos elementos lingüisticamente expressos na superfície do texto para dar conta de expectativas forjadas pelo conhecimento de mundo dos falantes.

O fato de LU ter escolhido utilizar certos termos qualificativos em seu discurso é significativo, e resulta de um processo avaliatório de sua parte, revelando comparações com estados por ela esperados, coerentes com a situação que está sendo relatada. Neste pequeno trecho é possível, também, identificarmos um falso começo,

LU: O I A saiu. *Aquela fi/* aquele senhor:

a utilização de uma negativa,

LU: que *não é desliga:do*, passou a chave.

e repetições.

LU: Todo mundo *PRESO* dentro do escritório +



LU: den[tro *PRE*sos.

GI: [Ficaram *presos*, né?

LU: O I A saiu. *Aquela* fi/ *aquele* senhor:

LU: O I A *saiu*. *Aquela* fi/ *aquele* senhor:

LU: O BE *saiu* também depois do I A ...

LU: que não é desliga:do, *passou a chave*.

LU: *Passou a chave*.

Todos esses recursos colaboram para reforçar o quadro. Quanto aos advérbios, podemos destacar a fala:

LU: *Felizmente*, a FA disse "LU, se tu vais pro

LU: teatro num dá tempo, porque é meia hora

LU: cada um."

No exemplo, LU indica, através da avaliação, sua atitude em relação ao evento a ser reportado em seguida e ao que já foi dito até então. O advérbio *felizmente* indica que o esperado seria FA não liberar LU para ir ao teatro, cumprindo exigências institucionais, e aplicando, naquele momento, os dois testes que LU estava lá para fazer. Mais adiante, temos um caso de avaliação interessante,

LU: Eu disse "olha, mas é *muita sorte*".

onde LU aprecia positivamente o fato de ter sido encontrada no curso de inglês, via telefone, pelos funcionários do

escritório. Ela contrasta esta situação com outra que seria a mais esperada: ela ter entrado em uma sala de aula para fazer os testes e só ser encontrada possivelmente uma hora mais tarde, tempo durante o qual os funcionários teriam que ficar esperando trancados no escritório. Temos também, neste segmento, a partícula *mas*, que sinaliza igualmente o contraste, opondo a liberdade à possibilidade de uma prisão mais longa. Em nenhum destes dois casos a avaliação apresentada diz respeito ao modo como algum evento ocorreu, como é comum a certos tipos de advérbios, mas à maneira de ver um evento a partir da ótica e estrutura de expectativa do falante.

## 2- Considerações finais

Nossa análise das estruturas de expectativa e dos elementos lingüísticos sinalizadores presentes na superfície do texto não é, e nem pretende ser exaustiva, mesmo neste pequeno trecho de conversa informal. Muito ainda poderia ser dito e explorado, em vista da enorme riqueza do assunto.

Acreditamos, entretanto, que o material analisado mostra como *frames*, *scripts* e *schemata* podem ser apreciados como “estruturas de expectativa baseadas em experiência anterior, e que essas estruturas podem ser vistas na forma lingüística superficial das frases de uma narrativa” (TANNEN, op. cit. p. 179). Gostaríamos também de ressaltar que essas noções dizem respeito a situações de interação específicas, não somente à narrativa enquanto gênero.

Várias são as abordagens possíveis de modelos mentais que dêem conta de como o pensamento se transforma em linguagem. Não há teorias definitivas nesse campo, e possivelmente jamais haverá, mas é inegável o avanço e a luz que estudos multidisciplinares têm lançado sobre o conhecimento que até hoje já foi alcançado.

#### NOTAS

1 As traduções livres das citações apresentadas neste trabalho são de nossa autoria e responsabilidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUQUE ESTRADA, Megan. (1994) O estilo conversacional na fala culta urbana paraense. Relatório final de pesquisa do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará, Belém. Mimeo.
- TANNEN, Deborah. (1979) What's in a frame? Surface evidence for underlying Expectations. In: FREEDLE, Ray O. (Ed.). *New Directions in Discourse Processing*. Vol. II, Norwood, New Jersey, Ablex (pp.137-181).

